

GLOBALIZAÇÃO, CIDADANIA E SUJEITO: DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.¹

Edinaldo Enoque Da Silva Junior².

¹ Artigo desenvolvido no Doutorado em Educação nas Ciências da Unijui

² Doutorando em Educação nas Ciências da Unijui. Bolsista CAPES

O presente artigo teve como objetivo compreender o processo de globalização em relação as transformações da identidade e da cidadania. Buscou-se compreender o enfraquecimento das identidades locais e no que isso pode afetar no interesse pelas coisas da cidade. Num segundo momento, pretendeu-se analisar o enfraquecimento desse desinteresse pelas coisas da cidade juntamente com o conceito de cidadania em aproximação do conceito de Sujeito proposto por Alain Touraine. Por fim, buscou-se alargar o debate sobre o Sujeito em relação com a escola, ou seja, qual poderia ser o papel da escola para a formação do Sujeito. Desse modo, o presente artigo pretende compreender a crise da identidade mediante o processo de globalização, no que essa crise pode afetar nas práticas cidadãs e qual a importância de se pensar o Sujeito para revitalizar essas mesmas práticas, e como a escola pode contribuir para formar esses Sujeitos.

Ou seja, pretendemos compreender as transformações atuais da sociedade tida pós-moderna de acordo com Lyotard (2011), hipermoderna como sugere Lipovestisky (2011), Líquida como denomina Bauman (2009), pós-industrial como explica Touraine (1992) ou mesmo tardia como escreve Giddens (2002) em relação com a participação dos cidadãos nessa sociedade, bem como a importância de pensar uma educação mais combativa ou indignada como afirma Boaventura de Sousa Santos (2009).

Pela quantidade (incompleta) de termos ou denominações, citados acima, que definem ou que procuram explicar o atual quadro social já é de se pensar que outros tantos termos serão e são também difíceis de conceituar mostrando a polissemia e a descentralidade das pesquisas sociais atuais. Proporcionando, desse modo, ricas contribuições para a compreensão ou tentativa de compreensão do mundo em que vivemos e das relações humanas nele inseridas.

Assim, usaremos alguns conceitos chaves, não com o intuito de limitá-los nem resumi-los, muito pelo contrário, somente para dar um horizonte inteligível para que não caiamos num dos sinais do tempo pós-moderno que é justamente o relativismo conceitual.

Desse modo, justificamos o porquê das longas citações introdutórias desse texto. Citamos longamente Freire, Touraine e Canivez e sublinhamos (negrito) os termos que procuraremos nos debruçar mais detidamente no texto que segue. Assim, identidade, cidadania, Sujeito, educação política para o Sujeito são os termos que direcionará nossa reflexão.

Posto isso, o que queremos com esse artigo refletir?

O que é cidadania hoje? No que a globalização e as transformações sociais podem influenciar no distanciamento de ações politicamente engajadas dos cidadãos? No que a chamada crise de

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XX Jornada de Pesquisa

identidade pode ajudar a compreender o esvaziamento do espaço público e a negligência política que se averigua? No que o conceito de Sujeito pode ajudar a perceber ou vislumbrar uma nova possibilidade de engajamento, de questionamento político social sem estar diretamente ligado com os conceitos marxistas de historicismo e luta de classe tão duramente criticado, mas ressaltando a importância sim dos movimentos sociais e culturais tão importantes em nosso tempo? E por último, mas não menos importante: o que a escola tem a ver com isso? Ou seja, qual é a importância da escola como formadora ou possibilitadora do surgimento desses sujeitos indignados, questionadores, individual ou coletivamente dispostos a lutar pelos seus direitos e deveres ao mesmo tempo em que não se percam em comunitarismos e em esvaziamentos subjetivos da racionalidade técnica?

É de comum acordo entre diversos teóricos e cientistas sociais que um processo de intensa globalização se insere cada vez mais velozmente nos espaços regionais e nos processos de organização social e de subjetivação dos indivíduos. Alguns dizem que esse processo encontra mais pontos positivos do que negativos outros o contrário. Dos que positivizam a globalização, por exemplo, Habsbert (2007, p. 49), afirma: Simbolicamente, territórios como aqueles das reservas naturais e patrimônios da humanidade podem ajudar na consolidação de uma identidade-mundo, capaz de unir numa mesma "rede-território" toda a civilização planetária.

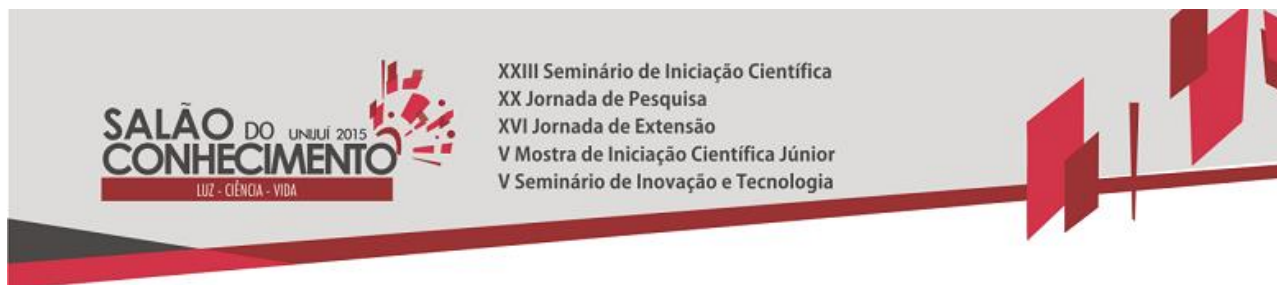
Por outro lado, encontramos em Ianni (2003, p.272) a seguinte reflexão: Nesse mundo globalizado [...] o indivíduo se mutila, se reduz, fragmenta, apaga, anula. Transforma-se em títere, autômato, zumbi. Fica solitário, no mapa do mundo, membro de uma vasta multidão de solitários; espectadores, audiência, público, massa.

Dentro do debate em torno do valor positivo ou não da globalização, encontramos mais pensadores reticentes do que otimistas. Bauman (1999), por seu turno ressalta que existe no processo de globalização um processo de glocalização, ou seja, uma imposição do global sobre o local, chamada por ele também de globalização negativa que interfere diretamente na dinâmica própria dos locais que passam a partir dessa verticalização dos poderes extra-locais perder suas características próprias aos sabores dos ventos midiáticos e da sociedade de consumo.

Seguindo a trilha dos estudiosos sobre os processos globalizantes encontramos Milton Santos (2001) que com sua perspicácia e análise profunda da realidade brasileira descobre que quando se refere ao capitalismo globalizado, a tirania do dinheiro e a tirania da informação são os pilares da produção da história atual. Para o autor, ambas juntas, fornecem as bases do sistema ideológico que legitima as ações mais características da época e ao mesmo tempo buscam conformar segundo um novo ethos as relações sociais e interpessoais, influenciando o caráter das pessoas. A competitividade, sugerida pela produção e pelo consumo é a fonte de novos totalitarismos, mais facilmente aceitos graças à confusão dos espíritos que se instala.

De modo amplo e geral os autores citados acima parecem concordar com a já clássica afirmação de David Harvey, sobre a condição pós-moderna, principalmente no que se refere à relação global-local, espaço-tempo.

Segundo Harvey (1989, p.240):



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XX Jornada de Pesquisa

À medida que os espaços se encolhe para se tornar uma aldeia “global” de telecomunicações de interdependências econômicas e ecológicas – e à medida que os horizontes temporais se encurtam até ao ponto em que o presente é tudo que existe, temos que aprender a lidar com um sentimento avassalador de compressão de nossos mundos espaciais e temporais.

Tudo indica desse modo, que o mais importante não é resistir, no sentido de se criar fortificações que é o que justamente Touraine (2005) critica e teme ao designar essas barreiras de comunitarismos, mas sim aprender a lidar com, estar aberto à mudança, não no sentido de entrega total e completamente a ela, mas sim no sentido de dialogicidade e em muitos casos mesmo de recusa.

Posto isso, é quase temerário não aceitar a premissa de que a globalização impacta de modo contundente a vida das pessoas seja individual ou coletivamente, seja entre as pessoas e o Estado ou até mesmo entre os próprios Estados. O desenvolvimento técnico, o mercado econômico, a difusão midiática e o apelo ao consumo são pontos importantes para a compreensão global-local em termos de mutações globalizantes ao passo que a resistência pura e cega a esses itens aponta a formação de comunitarismos herméticos.

Com a miríade de possibilidades interpretativas não poderia ser diferente, em se tratando de globalização e mudança sociocultural, que diversos autores das mais diversas áreas apontam aquilo que consideram mais importante em seus estudos. Muito embora haja divergência em alguns pontos é comum encontrarmos nesses autores a afirmativa de que o mundo, tanto o ocidental quanto o oriental passa por um grande processo de transformação fruto dos processos globalizantes da economia e dos meios de comunicação de massa, e que esses processos ressignificam sobremaneira as relações humanas individuais e coletivas.

O que nos interessa aqui, no entanto, é no que esse processo interfere não na sociedade como um todo, mas naquilo que é próprio de cada um: sua identidade.

Palavras-chave: Cidadania; Sujeito; Educação; Contemporaneidade.